

11 FEV 1987

11 FEV 1987

ANC

Escolinha Walita

CORREIO BRAZILENSE

As críticas feitas à Constituinte mostram as distorções causadas pela campanha que precedeu sua convocação. Durante muito tempo todas as dificuldades nacionais foram atribuídas ao autoritarismo, cuja remoção seria o bastante para assegurar-nos a prosperidade e a justiça social. A Nação deve lutar muito aos que lutaram contra o autoritarismo, uma longa conquista da qual muitos podem orgulhar-se e que teve, inclusive, suas vítimas, mas é lógico que nossas dificuldades não se resumem às restrições cívicas.

A convocação da Constituinte começou a ser defendida quando era mais rígido o sistema militar. Naquela época acreditava-se que era preciso a ruptura para alterar o regime, mas a personalidade nacional levou-nos a conseguir esta mudança com a campanha pelas eleições diretas, que terminou sendo uma festa. Não havia mais necessidade de Constituinte para remover o autoritarismo. O mesmo Congresso, cuja maioria fora eleita para sustentar o Governo militar, estava, graças à mudança de ventos, disposto a fazer qualquer concessão.

A Constituinte, porém, continuou a impor-se. Alguns viam nela uma poderosa idéia política, capaz de despertar esperanças que aplacassem desilusões, e, por isto, atribuíram-lhe o poder de resolver todas as crises. Um erro, no mínimo. Criaram uma ilusão, porque a Constituição a ser definida não será uma varinha de condão, nem há como ser. As enquetes de TV indicam, porém, que muitos esperam da Constituinte a solução de problemas menores. A decepção será inevitável.

Outros sustentaram a Constituinte porque esperam, através dela, modificar a ordem econômica e social. Eles sabiam que não o conseguiriam com a exigência do quorum de 2/3 e, por isto, voltaram-se para a Constituinte na esperança de fazê-lo por maioria simples. E o fundamento da luta dos que desejam a Constituinte soberana, que pode ser, nesta fase de indecisão de Poder, altamente perigosa em termos democráticos. A tendência histórica é o preenchimento do vazio de Poder pelos radicais. Como em França.

Esse quadro está, a meu ver, refletido nos primeiros dias da Constituinte. O que tem ocorrido é a busca de espaço pelos que defendem a tese da soberania, quase todos rotulados como esquerdistas, e os que pretendem transformar a Constituinte no grande plenário para debate do Governo e seus insucessos. Estes serão absorvidos pelo Senado e Câmara, se funcionarem. Aqueles terão de radicalizar para sobreviver.

Lamentável que estejam, alguns, procurando transformar a Constituinte em Escolinha Walita, com os meninos sentados à espera da professora. O cardeal Lorscheiter, por exemplo, se considera "decepcionado". Gostariam, talvez, que os constituintes pedissem licença à professora para sair do plenário. Como outros, parece desconhecer que a função do constituinte não é ser um menino comportado, mas sim defender o povo. No plenário, nas ruas.

JOÃO EMILIO FALCÃO